

Pet-saúde interprofissionalidade: um relato de experiência durante a semana de campanha nacional da hanseníase em uma unidade básica de saúde, Belém, Pará

Education through work for an interprofessional health program: an experience report during the national leprosy campaign in a public service unity in Belém of Pará

Leonardo de Souza Louzardo¹, Elielson Paiva Sousa², Fernanda Ruthyelly Santana Pereira³, Suzanne Camila Ferreira de Ferreira⁴, Cristian da Silva Ferreira⁵, Danielle Tupinambá Emmi⁶, Claudia Daniele Tavares Dutra⁷

ARTIGO ORIGINAL – Recebido: janeiro de 2021 – Aceito: abril de 2021

RESUMO

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa, transmissível, de notificação persistente, considerada uma questão de saúde pública no Brasil. Este estudo é um relato de experiência, que objetivou descrever a vivência de uma atividade extensionista, desenvolvida em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), por acadêmicos dos Cursos de Enfermagem, Odontologia, Nutrição e Medicina, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Dentro deste contexto, as atividades de promoção à saúde consistiram na elaboração e aplicação de instrumentos lúdicos e participação ativa dos graduandos na comunidade, em uma abordagem sobre a doença durante a semana do “janeiro roxo”. Assim, a partir de uma atuação interprofissional, buscou-se reduzir o estigma social da doença, além de proporcionar uma reflexão aos estudantes do PET-saúde sobre a importância da informação preventiva, como agentes promotores de saúde, na prevenção, diagnóstico e tratamento da hanseníase.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em saúde. Hanseníase. Atenção Primária à Saúde. Unidade Básica de Saúde.

ABSTRACT

Leprosy is an infectious, transmissible, persistent notifiable disease that has become a public health problem in Brazil. This study is an experience report that aimed to describe the experience of an extensionist activity, carried out in a Basic Health Unit (UBS), developed by nursing, dentistry, nutrition, and medicine students at the Federal University of Pará/UFPA. Given this, health promotion activities consisted of developing and applying playful instruments and active participation of undergraduate students in the community approaching the disease during the “Purple January” week. Thus, through an interprofessional action, to reduce the social stigma of the disease, besides providing a reflection to the PET-health students about the importance of preventive information, as health-promoting agents, in the prevention, diagnosis, and treatment of leprosy.

KEYWORDS: Health Education. Leprosy. Primary Health. Health Centers.

¹ Graduando em Odontologia na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: leolouzardo@gmail.com

² Graduado em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

³ Graduanda em Odontologia na Universidade Federal do Pará (UFPA).

⁴ Cirurgiã-dentista na Unidade Básica de Saúde da Ilha do Combu, Belém, PA.

⁵ Enfermeiro na Unidade Municipal de Saúde do Guamá, Belém, PA.

⁶ Professora no Curso de Odontologia na Universidade Federal do Pará (UFPA).

⁷ Professora no Curso de Nutrição na Universidade Federal do Pará (UFPA).

INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa e transmissível, sendo sua notificação e investigação obrigatória a nível nacional¹. A doença tem como agente etiológico o *Mycobacterium leprae*, um bacilo que acomete principalmente a pele, mucosa do trato respiratório superior e os nervos periféricos, com o alto poder de ocasionar lesões neurais crônicas, os quais são os principais responsáveis pelo estigma e discriminação às pessoas acometidas. É uma patologia de registro milenar, que possui cura, com tratamento e acompanhamento disponível no Sistema Único de Saúde (SUS).¹

Para reduzir o preconceito secular relacionado à doença, a terminologia hanseníase é iniciativa do Brasil, adotada pelo Ministério da Saúde, em 1976, em substituição ao termo “Lepra”. Assim, a Lei nº 9.010, de 29 de março de 1995, determina que o termo "Lepra" não seja utilizado na linguagem empregada em documentos oficiais da União, bem como em seus Estado-membros.²

Com base nas notificações de novos casos em todo o território brasileiro, exhibe-se uma distribuição heterogênea no país, com elevadas concentrações, principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, importantes áreas de transmissão da doença. E por isso, ainda permanece como um importante problema de saúde pública no Brasil, envolvendo, ainda, questões referentes à discriminação e exclusão social relacionadas à doença.³

O Brasil é o segundo entre os países que mais registram casos novos da doença, conforme dados da Organização Mundial de Saúde (OMS). Em 2018, foram registrados 208.619 casos novos de hanseníase no mundo, resultando em uma taxa de detecção de 2,74 casos por 100.000 habitantes.⁴

Normas e estratégias têm sido elaboradas nos últimos anos, no sentido de motivar a integração das ações, em todos os níveis de atenção, iniciando a construção da proposta na Atenção Primária à Saúde (APS). Este nível de atenção tem um papel essencial nas ações de cuidado/assistência às pessoas acometidas pela hanseníase e na identificação de riscos e vulnerabilidades no território, a fim de planejar ações de busca ativa e prevenção, bem como de acolhimento, diagnóstico, tratamento e cura, prevenindo ou minimizando a instalação das incapacidades.³

Diante do exposto, verifica-se que atividades por meio de uma abordagem interprofissional de promoção e humanização da saúde ocorrem em diversos âmbitos e formas, no qual os profissionais envolvidos trabalham em prol do bem comum.⁵ Neste sentido, o Ministério da Saúde define o mês de janeiro como “janeiro roxo”, dedicado à conscientização sobre a hanseníase, o qual tem como iniciativa esclarecer à população sobre sintomas, prevenção e tratamento. Ainda, no mês de janeiro, a Campanha Nacional de Combate e Prevenção se fez presente com o fito de levar noções acerca de um tratamento precoce da doença, em todos os níveis de atenção.

Vale dizer que a “Educação é qualquer processo formal ou informal que promova a aprendizagem, que seja uma melhoria do comportamento, informação, conhecimento, compreensão, atitude, valores ou competências”.⁶ Seguindo essa ideia, a educação em saúde apoiada por equipes interprofissionais, as quais utilizam abordagem explicativa e expositiva acerca de temas que envolvem o cuidado dos usuários, proporciona a participação do indivíduo em grupos, favorecendo o aumento do controle de suas vidas e transformando a realidade social.⁶

Com o intuito de fomentar a articulação ensino-serviço-comunidade, na área da saúde foi criado o Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET-Saúde), que tem como pressuposto da educação pelo trabalho, buscando formar profissionais de saúde com perfil adequado às necessidades e às políticas de saúde do País.⁷ O 9º edital do Programa intitulado PET – Saúde/Interprofissionalidade, teve como objetivo o financiamento de projetos, que promovessem a integração ensino-serviço-comunidade, com foco no desenvolvimento do SUS, a partir de elementos teóricos e metodológicos da Educação Interprofissional (EIP).⁷

A EIP é uma atividade que envolve dois ou mais profissionais, o que possibilita que aprendam juntos de modo interativo para melhorar a colaboração e qualidade da atenção à saúde no âmbito inserido.⁷ Nesse sentido, o PET – Saúde/Interprofissionalidade atua no aprimoramento da Educação Interprofissional e Práticas Interprofissionais (EIP e PIP) entre os agentes promotores de saúde, construindo um modelo de prevenção em saúde interprofissional.⁸ Por conseguinte, o objetivo deste relato de experiência é descrever uma ação interprofissional de discentes da área da saúde da Universidade Federal do Pará (UFPA), desenvolvida por meio do programa.

DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, houve um levantamento bibliográfico e um estudo exploratório sobre a história do bairro e sua relação com a doença estudada. Neste estudo pode-se verificar a relevância histórica da patologia neste local, uma vez que, os primeiros moradores foram constituídos por pacientes, que eram encaminhados para o isolamento e o tratamento da hanseníase/tuberculose. Neste movimento, fundou-se o Bairro do Guamá, considerado hoje um dos mais populosos do Município de Belém-Pa.

Este estudo foi realizado no período de 20 a 23 de janeiro de 2020, durante a Semana da Campanha Nacional da Hanseníase, em uma Unidade Municipal de Saúde (UMS), situada no bairro do Guamá, periferia do município. As atividades educativas ocorreram com distribuição de folders, na feira do bairro e nas áreas restritas à UMS. Houve, ainda, a sensibilização dos funcionários da unidade sobre o tema, intensificação na busca ativa de sintomáticos dermatoneurológico e uma roda de conversa. As

ações aconteceram durante quatro dias na semana da Campanha, com duração de duas horas, no turno da manhã.

Após a discussão dos atores envolvidos, da área da saúde, sobre a temática, foram elaborados e aplicados na comunidade, materiais ilustrativos, cartazes, com a história do bairro, a formação social e dados epidemiológicos, como mostra a Figura 1.

Figura 1 – Registros feitos durante a atividade na UBS Guamá



Fonte: PET- Interprofissionalidade 2019/2021

Durante a intervenção, a principal dificuldade encontrada pelos alunos foi a resistência por parte do público, que já trazia consigo conceitos dos saberes populares, ou seja, mitos internalizados, que dificultaram, em parte, a conscientização da transmissibilidade da hanseníase. Para minimizar tal situação, foi realizada uma ação interprofissional, por meio de metodologia ativa, com abordagem dos discentes, que, primeiramente, ouviram as informações dos pacientes, baseadas no saber popular e, em seguida, fizeram suas pontuações/complementações fundamentadas nos conceitos científicos. Ou seja, confirmando algumas informações e desmitificando outras, e assim produzindo em conjunto novos conceitos sobre a doença para as pessoas envolvidas.

Em seguida, para a discussão sobre a doença, propriamente dita em nível clínico, utilizou-se como recurso didático e lúdico, um álbum seriado, produzido e patenteado pela Secretaria Municipal de Saúde de Belém (SESMA).⁹ Este documento apresentava imagens ilustrativas e textos exemplificadores e de fácil compreensão (Figura 2), e abordava perguntas como: O que é a doença? Como se transmite? Quais são os sinais e sintomas? Como é feito o diagnóstico? Existe tratamento e quais são? Existe consequência da doença sem tratamento? Além de avaliação de contatos, direitos e deveres dos usuários, mitos e verdades sobre a doença, dentre outros. A linguagem utilizada foi de fácil entendimento e pôde-

se socializar o conhecimento da doença de forma lúdica e ilustrativa.

Figura 2 – Mosaico do álbum figurado



Fonte: Secretaria Municipal de Saúde (SESMA/PA)

Vale ressaltar que, durante as abordagens, os participantes relataram muitas dúvidas e desconhecimento, aspecto relevante para a atividade de metodologia participativa aplicada. Dessa forma, cada discente pôde abordar aspectos da doença, que estivessem no alcance de sua base de conhecimento, ou seja, contribuindo para o cuidar da hanseníase à nível da saúde bucal, nutricional e médica.

A Roda de Conversa, um método de participação coletiva de debate acerca de uma temática, possibilitou dialogar com os sujeitos, que se expressaram, e a partir disso gerou um novo aprendizado por meio do exercício reflexivo.¹⁰ Isso foi percebido pela adesão do público durante a conversa, pois as trocas de vivências entre os participantes permitiram um canal de diálogo mais dinâmico e interativo, juntamente com os discentes.

Ao abordar sobre hanseníase, foi perceptível o interesse e colaboração dos ouvintes, a partir de perguntas sobre a doença, como: a dúvida de que a doença poderia ser transmitida pelo contato não prolongado, e por isso se deveria ficar longe do doente, ou não saberem que a transmissão é encerrada a partir do início do tratamento, o que normalmente provoca distanciamento após o diagnóstico. Isso foi esclarecido para o melhor entendimento sobre a doença e quebra de preconceitos. No estudo verificou-se que, a estigmatização da doença reforça desigualdades e agrava a discriminação, já que indivíduos acometidos pela doença, muitas vezes apresentam dificuldade em socializações e no acesso aos serviços

de saúde.¹¹

Ademais, houve a possibilidade do compartilhamento de informações em grupo, o que estimulou a troca de experiências, mudando a percepção dos usuários sobre assistir uma palestra, na qual não seriam passivos, mas, teriam participação ativa para um melhor *feedback*. Isso demonstrou o quanto é frutífera a participação ativa em palestras, quando há possibilidade de diálogo entre os envolvidos. Desse modo, o profissional, além de socializar a informação, pode fazer uso da escuta, a fim de esclarecer dúvidas, desmistificar pensamentos e romper as relações verticalizadas e descendentes de diálogo.¹²

Além disso, foi esclarecido para os participantes sobre a atuação dos profissionais de saúde na doença, orientando-os sobre quais profissionais procurar em caso de suspeita e quais poderiam prestar um serviço caso fosse diagnosticado com hanseníase, o que revelou relações fundamentais entre processos de trabalho e de ensino, mostrando-se benéficas para a qualidade do cuidado prestado no serviço de saúde.¹³

Após a roda de conversa, alguns usuários se deslocaram até os discentes para perguntar discretamente sobre manchas que possuíam pelo corpo para saber se poderia ser hanseníase, demonstrando que a atividade gerou inquietação nos ouvintes. Com isso, notou-se a importância da educação em saúde, como meio de diagnóstico precoce e prevenção estimulando o autocuidado. Destaca-se, que por meio dessa ferramenta aplicada, o indivíduo adquire conhecimentos sobre a doença, e pode, ainda, atuar como agente multiplicador de informações preventivas e de promoção.¹⁴

É válido ressaltar o exercício da interprofissional, que tem como característica o trabalho em equipe, que consiste na integração, nas trocas de saberes e experiências alicerçadas no respeito à diversidade, o que permite cooperar para as práticas de saúde, estabelecendo o diálogo permanente.¹³ Vale lembrar, também, que a interprofissionalidade é um processo de ressignificação, que busca romper paradigmas tradicionais de ensino e das práticas de atenção à saúde, buscando uma educação dialógica em que aluno e educador trabalham de forma colaborativa no processo de ensino-aprendizagem.¹⁴

Dentro deste contexto, o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde do Ministério da Saúde (PET-Saúde) consiste em fomentar grupos interprofissionais de aprendizagem tutorial pelo trabalho, a fim de formar profissionais da área da saúde para um trabalho em equipe, na integralidade do cuidado ao indivíduo, baseado nos princípios do SUS.⁷ Visando qualificar os serviços de saúde ofertados e promover aos usuários atenção de forma mais integral.

As atividades do PET-Saúde contribuíram para formação dos alunos de forma única, proporcionando aos discentes a percepção de trabalho em equipe, com uma visão colaborativa, nos processos de resoluções de problemas, por meio do diálogo e da construção de conhecimento, respeitando as particularidades de cada profissional em ação, possibilitando momentos ricos de

problematização e reflexão, no âmbito interprofissional.¹⁴⁻¹⁵ As ações contribuíram, ainda, para qualificação dos alunos, no processo de ensino aprendizagem teórico-prático, por meio da preceptoria, com foco na atenção primária à saúde.

A aplicação do PET- Saúde, como ferramenta enriquecedora de troca de saberes e experiências assentada no respeito à diversidade, vem fortalecendo os atores envolvidos e os serviços de saúde, com a colaboração das práticas em saúde, que contam com a participação de alunos de várias graduações, incentivando a busca/atualização de conhecimentos, promovendo maior qualificação dos profissionais dos serviços e maior interação com a comunidade, ratificando a proposta do PET-Saúde: a integração do ensino, serviço e comunidade.

CONCLUSÃO

Destarte, pôde-se observar a importância da ação realizada neste artigo, que buscou orientar sobre a hanseníase, para que a comunidade pudesse ter conhecimento a fim de reduzir o estigma da doença na região. Ademais, a prática do exercício na educação em saúde possibilitou, ao discente participante do PET-saúde, a reflexão sobre a importância de informações preventivas, como agentes promotores de saúde. Assim, muitos alunos desconheciam sua atuação, diante da doença e puderam se ressignificar no contexto da doença e na oportunidade do trabalho interprofissional onde se pôde observar a atuação dos futuros profissionais, e assim, reconhecer sua importância, na prevenção, diagnóstico e tratamento da doença.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (Brasil), Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis, Guia Prático Sobre a Hanseníase. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_hanseniose
2. Brasil. Lei nº 9.010, de 29 de março de 1995. Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9010.htm
3. Ministério da Saúde (Brasil), Secretaria de Vigilância em Saúde, Estratégia Nacional para Enfrentamento da Hanseníase 2019-2022. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: www.saude.gov.br/svssvs
4. OMS (Organização Mundial da Saúde). Diretrizes para o diagnóstico, tratamento e prevenção da hanseníase. Genebra: OMS, 2019a. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/274127/9789290227076por.pdf?sequence=47&isAllowed=y>

5. Ministério da Saúde (Brasil), Vigilância em Saúde. Hanseníase: o que é, causas, sinais e sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção. Brasília (DF); [Internet] 2020 [acesso em 2020 nov 16]. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/hansenia>
6. International standard classification of education. Paris, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 1997. Available in: http://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/international-standard-classification-of-education-1997-en_0.pdf
7. Ministério da Saúde (Brasil). Ministério da Educação. Portaria Interministerial nº 421, de 3 de março de 2010. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2010/pri0421_03_03_2010.html
8. Mallmann DG, Galindo NM, Sousa JC, Vasconcelos EMR. Educação em saúde como principal alternativa para promover a saúde do idoso. *Ciênc. saúde coletiva*. 2015; 20(6):1763-1772.
9. Ministério da Saúde (Brasil), Guia Prático para Enfrentamento da Hanseníase. Secretaria de Municipal de Saúde. Belém: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <https://brasil.campusvirtualsp.org/node/198045>
10. Moura AF, Lima MG. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*. 2014; 23 (1): 98-106.
11. Levantezi M, Shimizu HE, Garrafa V. Princípio da não discriminação e não estigmatização: reflexões sobre hanseníase. *Rev. Bioét.* 2020; 28(1): 17-23.
12. Soratto J, Witt RR. Participação e controle social: percepção dos trabalhadores da saúde da família. *Texto contexto - enferm.* 2013; 22 (1): 89-96.
13. Reeves S. Porque precisamos da educação interprofissional para um cuidado efetivo e seguro. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2016 Mar [citado 2020 jun 14]; 20 (56): 185-97. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832016000100185&lng=e.
<https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0092> .
14. Reis DM, Pitta DR, Ferreira HB, Jesus MCP, Moraes MEL, Soares MG. Educação em saúde como estratégia de promoção de saúde bucal em gestantes. *Ciênc. saúde coletiva*. 2010; 15(1): 269-76.
15. Camara AMCS, Grosseman S, Pinho DLM. Interprofessional education in the PET-Health Program: perception of tutors. *Interface (Botucatu)*. 2015; 19 Supl 1:817-2.